

A obra de Monteiro Lobato na Argentina: autor-obra-público em ação

Doutoranda. Thaís de Mattos Albieri¹

RESUMO:

Em 1921, Urupês, de Monteiro Lobato (1882-1948), foi traduzido para o espanhol pelo argentino Benjamin de Garay (?-1943) e publicado pela Editorial Pátria, de Buenos Aires. A partir deste fato, as relações entre o brasileiro e os produtores literários (escritores, tradutores e editores) se estreitam. O ano de 1919 é marcado pela primeira carta recebida por Lobato, vinda de Buenos Aires e escrita por Manuel Gálvez (1882-1962), escritor e editor argentino; a intensa correspondência que o brasileiro mantém com intelectuais do Prata dura até 1946, quando o escritor decide viver na capital da Argentina, onde fixa moradia durante 12 meses. No decurso de sua estadia, publica livros, colabora em jornais e se associa com argentinos para abrir uma casa editora, a Acteón. O intercâmbio literário cultural que se institui entre Brasil e Argentina no que toca à construção destas relações literárias e sociais tem como base a noção de sistema literário, tal como a concebe Antonio Candido em A Formação da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: Monteiro Lobato - literatura – sistema literário – Manuel Gálvez – Benjamin de Garay.

A relação entre Monteiro Lobato (1882-1948) e os argentinos foi construída durante o período que se estendeu de 1919 até 1946 e se deu de diversas maneiras: através de cartas, artigos publicados **de e sobre** o brasileiro e **de e sobre** os argentinos, que circulavam tanto no Brasil quanto na região do Prata, e a partir de editores, críticos literários e, sobretudo, de livros lobatianos e argentinos traduzidos, respectivamente para o espanhol e para o português.

As cartas trocadas entre Lobato e os intelectuais argentinos são significativas no que se referem ao aparato cultural – livros, editoras, anúncios, imprensa – que circulavam no Brasil e na Argentina.

A noção de **aparato cultural** aqui empregada para designar objetos, instituições e agentes envolvidos nas relações literárias entre os dois países tem como base a idéia de **sistema literário**, tal como propõe Antonio Candido:

(...) um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles, se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação

¹ Thaís de Mattos ALBIERI é doutoranda do IEL-Unicamp no Departamento de Teoria e História Literária. Bolsista FAPESP.

inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (in CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, 2000, p.23.).

Sendo assim, faz-se importante construir uma imagem de como ocorreram as relações literárias entre o escritor brasileiro e os diferentes setores da cultura Argentina, no período que vai de 1919, ano da primeira carta escrita por um argentino – Manuel Gálvez – até 1946, quando Lobato passa a viver em Buenos Aires.

O remetente da primeira epístola vinda do Prata – Manuel Gálvez (1882-1962) – desempenhou importante papel na vida cultural da Buenos Aires do início do século XX, no que diz respeito à consolidação do campo literário na Argentina: em 1906, foi nomeado Inspector de la Enseñanza Secundaria y Especial, cargo que ocupa até 1909; funda a Cooperativa Editorial, em 1916, e a Pax, em 1919; cria agremiações de escritores, como os Pen Clubs e participa ativamente do processo de criação da Academia Argentina de Letras. Ressalta-se, ainda, que o campo literário argentino se desenvolveu a partir de duas formas: de um lado, a independência profissional do escritor e, de outro, a colocação deste nos debates ideológicos de constituição da nação e da literatura enquanto instrumento cultural desta nova sociedade; Gálvez se posiciona no centro destas duas questões.

Destaca-se, a partir disto, o que era “ser escritor” nas três primeiras décadas do século XX na Argentina:

- 1) o novo profissional de teatro ou da indústria editorial;
- 2) o escritor que também escrevia em jornais;
- 3) o escritor que era membro da elite financeira.

Gálvez se encaixa nas três categorias, já que em 1903 colabora na revista *Ideas* como crítico de teatro e diretor da publicação, funda duas casas editoras, colabora, depois da passagem pela *enseñanza*, na *Nosotros*, importante publicação da época de propriedade de seu amigo Alfredo Biachi (1882-1942), além de pertencer à elite financeira da região de Santa Fé, cidade do interior da Argentina, cuja economia está centrada na produção agrícola.

A suposta primeira missiva destinada a Monteiro Lobato data de 13 de agosto de 1919 e está abaixo transcrita:

Inspector de Enseñanza Secundaria y Especial

Buenos-Aires, Agosto 13 de 1919

Mi estimado colega:

Estoy leyendo “Urupês”, que me interesa y seduce de una manera excepcional. Aquel Pontes de “O engraçado arrependido” me ha hecho reír de veras. Es usted un escritor de una rara fuerza de estilo. Cuando termine su libro he de darle mi sincera opinión.

Me place muchísimo hacer relación con usted. Conozco la revista que usted dirige, y más de una vez pensé mandarle mis libros.

La literatura brasileña me interesa enormemente, y sin embargo he leído libros de Coelho Netto, Machado de Assís, Gustavo Barroso, Aluizio de Acevedo, Graça Aranha y Pablo Barreto. Todo lo que llevo leído de ese país me ha parecido excelente. Creo, con toda sinceridad, que tienen ustedes una literatura superior a la nuestra.

Yo me permitiría solicitarle a usted algunos informes sobre literatura brasileña. ¿ Le sería demasiado molesto, enviarme una pequeña lista, - veinte nombres, cuando más-, de lo más descollante dentro de la pura literatura? Y ya que estamos en este terreno, ¿ por qué no escribe usted un artículo sobre la actual literatura brasileña, y me lo manda para “Nosotros”? Recuerdo que, á mi pedido, mi grande y llorado amigo Abel Botelho escribió un estudio sobre la literatura portuguesa, que yo tuve el placer de traducir y que publicamos en “Nosotros”. Yo traduciría también el suyo.

A mi vez, yo puedo escribirle á usted – algo más adelante, pues estoy lleno de trabajos -, un artículo sobre la literatura argentina del momento, para la Revista del Brasil. Me parece lamentable que nuestros países no se conozcan, y nosotros los escritores debemos hacer algo en vista de un acercamiento e conocimiento entre ambos pueblos.

En “Urupês” hay varios cuentos que podría ser traducidos y publicados en La Novela semanal o en La novel del día. Si usted me autoriza, lo traduciré con Aguirre y lo haré publicar, precedido de un pequeño encabezamiento diciendo quién es usted.

Espero su respuesta.

Cordial saludo de su amigo y colega

Manuel Galvez hijo

d/c Pampa 2502

Envíole unas hojas de propaganda que han publicado sus editores, pues creo que le interesarán las opiniones sobre mis libros².

Neste período – 1919 – Gálvez já não era mais inspetor de *la enseñanza*, mas sim, dono da Cooperativa Editorial, da editora Pax e da Agencia de Librería y Pubicaciones, uma sucursal da editorial francesa Hachette, órgão responsável por distribuir livros publicados na Argentina aos outros países da América Latina. No entanto, não se vale de seu prestígio enquanto editor, prefere lançar mão de um cargo que ocupara dez anos antes. Além disso, Manuel Gálvez parece se aproximar de Lobato através da demonstração de seu conhecimento da literatura brasileira (leu Coelho Netto, Machado de Assis, Aluizio Azevedo), e, mais especificamente, do livro de maior repercussão do destinatário: *Urupês*, publicado em português em 1918. O argentino se propõe a traduzir contos da obra lobatiana, e mais, lhe “place muchísimo hacer relación com usted”. As *relaciones* a que Gálvez se refere aparentam ser literárias, pois além da tradução a ser veiculada na *La Novela Semanal* ou na *La Novela Del Día*, suplementos de caráter popular, há, ainda, a intenção de que se estabeleça uma relação de troca, já que Lobato publicaria um texto sobre a literatura brasileira que circularia em uma publicação de grande alcance no Prata – a revista *Nosotros* – a qual Gálvez tinha acesso, por ser colaborador do periódico; ele, por sua vez, escreveria um texto sobre a literatura Argentina que sairia na *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato desde 1918, e sobre a qual tem conhecimento.

A resposta de Monteiro Lobato a esta carta não demora e, em 28 de agosto de 1919, escreve:

Papel Timbrado da *Revista do Brasil*.

S. Paulo – 28-08-919

Presado collega

Recebi os livros que me mandou e já iniciei a leitura delles. Vejo-me na frente de um forte pintor de aspectos e almas provincianas, estylisadas com arte primorosa; já apprehendi a sua qualidade primacial: interessar o leitor,

² Esta carta pertence ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp. MLb3.2.00234

empolgal-o, fazendo da leitura um requintado prazer. Em tempo opportuno darei a minha humilde opinião, ou melhor; impressão sobre ellas.

Também recebi a sua carta de 13 e folgo de encontrar no collega um espirito curioso das nossas coisas como é o meu das coisas argentinas. Entendernos-emos perfeitamente bem.

Quanto á nossa literatura actual ha o bom e o mau, mas predomina o mediocre que é a peor forma do mau. Depois da morte de Machado de Assis, Euclides da Cunha e Affonso Arinos observamos uma verdadeira lacuna nas letras. Inda não surgiu o substituto de nenhum desses escriptores de grande envergadura. Entretanto, alem dos nomes que o amigo citou, podemos ainda citar os seguintes, entre os mais representativos: na poesia – Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Martins Fontes, Guilherme de Almeida, Catullo Cearense, Heitor Lima, Vicente de Carvalho, Francisca Julia etc. No romance Antonio Salles (do qual lhe mando um livro interessantíssimo, com pontos de contato com a Maestra Normal), Afrânio Peixoto, Xavier Marques, Lima Barreto, Carlos Fernandes, Julia Lopes de Almeida, Albertina Berta; J. Antonio Nogueira, Gilberto Amado, Assis Chateauriand, Medeiros de Albuquerque, Alberto Rangel, Humberto de Campos, Oliveira Lima, Martim Francisco e Gilka Machado são nomes valiosos no jornalismo, no pampheto, na poesia e na novela.

Logo que possa hei de mandar para “Nosotros” um artigo sobre a literatura actual e o mesmo fará o amigo sobre as letras argentinas, para a Revista do Brasil. Contribuiremos assim para o intercambio das ideias entre visinhos que tão pouco e tão mal se conhecem.

Esteve comnosco Aguirre, e combinamos varias cousas interessantes relativas á publicação duma serie de traducções brasileiras que a Revista pretende lançar ahi. Conto agora, para isto, com os preciosos conselhos do novo amigo. Como Aguirre vae traduzir “Urupês” para publicarmos ahi, foi com grande prazer que recebi sua proposta para dar uma ou mais novellas na “Novela Semanal”. Dou-lhe plena autorização para isso. A venda desse livro cá no Brasil foi enorme. Basta dizer que a 5ª edição está no prelo, attingindo assim a tiragem de 16 milheiros no espaço de 15 mezes. Se a traducção Argentina pudesse sair pela Cooperativa seria optimo, mas não sei se ella é restricta aos autores argentinos. Aguirre nos causou optima impressão e temos esperança de fazer muita coisa por intermedio d'elle.

Depois de lidos os seus livros daremos uma nota bibliographica na Revista. A esphera de acção da Argentina se alarga entre nós; Ingenieros é muito lido; as obras da “Cultura Argentina” vendem-se em todas as livrarias. Promovamos pois uma reciprocidade que só trará vantagens para ambos os paizes.

Meu caro amigo, creia na admiração e disponha deste collega muito agradecido

Monteiro Lobato. (assinado)³

Lobato também elogia a literatura de Gálvez e se diz “curioso das coisas argentinas”; além disso, autoriza a publicação de seus textos em *La Novela Semanal*. Relativamente à tradução de *Urupês*, parecia ser de grande interesse a edição de tal obra, já que Aguirre, o suposto tradutor do livro para o espanhol, esteve no Brasil para acertar, além desta tradução, os detalhes de uma série de livros da literatura brasileira que Lobato, através do selo da *Revista do Brasil*, pretendia lançar na Argentina. O escritor brasileiro apresenta, ainda, a tiragem de seu livro “16 milheiros em 15 mezes”, estando a 5ª edição no

³ Esta carta pertence ao Fundo Manuel Gálvez e está depositada na Academia Argentina de Letras.

prelo, o que não deixa dúvida sobre o êxito da obra e acerto na escolha da tradução. Assim como Gálvez, Lobato confirma a curiosidade pela região e mostra seu conhecimento sobre a literatura do país vizinho ao citar autores como Ingenieros (1877-1925) e a coleção “Cultura Argentina”, idealizada e editada por tal escritor a partir de 1917, e que estabeleceu um cânone a partir de uma concepção popular da venda de obras, pois a estratégia de comercialização centrava-se na idéia de livros a preços acessíveis, o que permite também a exportação deste tipo de exemplar a baixos custos. Assim como Gálvez, Lobato parece acreditar na consolidação das relações entre os dois países pelo meio da divulgação das respectivas literaturas nacionais. Mas para isto, ambos teriam que contar com um **transmissor**, que pudesse fazer o intercâmbio destes aparatos culturais, tal como preconiza Antonio Candido (CANDIDO, 2000, p.23) quando trata da noção de sistema literário; a partir da leitura da carta lobatiana, esta figura parece ser Aguirre.

Após diversas cartas trocadas entre brasileiro e argentino, *Urupês* foi lançado em Buenos Aires em 1921, pela Editorial Pátria. Ao contrário do previsto, já que Aguirre seria o tradutor da obra, o livro teve tradução de Benjamín de Garay (?-1943), que, nos anos 1920, passou a ser elemento central na constituição e consolidação da troca literário cultural Brasil-Argentina.

É importante destacar que Garay conheceu Gálvez na adolescência, quando ambos viviam em Santa Fé; anos mais tarde, o tradutor se torna secretário do editor, de quem recebe muito bem pelas traduções, dado que estava em constante penúria. Segundo Gálvez, foi Garay quem estreitou as relações entre Brasil e Argentina, graças às traduções de obras brasileiras vertidas para o espanhol, milhares de artigos de crítica, que ora eram escritos por ele ora ele solicitava a escritura. Não se sabe por qual motivo Benjamin de Garay veio a trabalhar no corpo diplomático brasileiro; no entanto, sua estada no Brasil foi fundamental no que concerne à difusão de obras argentinas no país. Garay, após traduzir a obra lobatiana para o espanhol, se aproxima de escritores e passa a integrar a equipe da revista *A Colméia*, que segundo Yone Soares de Lima, era “um pequeno grupo de intelectuais ligados ao periodismo paulistano” (LIMA, 1985, p.33); é a partir desta aproximação, que muitos escritores brasileiros – principalmente Monteiro Lobato – passam a ter seus livros divulgados na capital portenha. É neste mesmo período que o argentino exerce sobre Lobato forte influência para que ele, assim como Gálvez, acumule as funções de editor e escritor, o que o brasileiro vem a fazer com mais desenvoltura em 1924, quando funda a Monteiro Lobato & Cia e chama o tradutor para trabalhar.

A presença de Garay no cerne da inteligência paulista da década de 1920 proporcionou ainda aos brasileiros a criação d’*A Novela Semanal*, similar de *La Novela Semanal*, publicação iniciada em 1917, em Buenos Aires. Devido ao contato com o grupo d’*A Colméia*, Garay propôs a criação desta no Brasil, e, em 1921, sai, pela Editora Olegário Ribeiro, o primeiro número da publicação: *Os Negros*, de Monteiro Lobato, acompanhada de um suplemento de crítica.

É ainda por intermédio de Garay que Lobato estreita suas relações com Gálvez e, em 1924, publica *Nacha Regules* em português; o editor e escritor argentino também colaborou para que textos e contos lobatianos fossem traduzidos e publicados em jornais e revistas portenhos de grande circulação como *Caras y Caretas*, *Plus Ultra* e *La Nación*.

Embora as relações entre Monteiro Lobato e os argentinos Benjamín de Garay e Manuel Gálvez tenham contribuído, nos anos 1920, para que obras argentinas circulassem no Brasil e obras brasileiras circulassem na Argentina, é, na segunda metade da década de 1930, que o volume de traduções – e, por conseguinte, o reconhecimento da figura de Monteiro Lobato no cenário do Prata – ganham o mercado editorial de forma sistemática, pois além dos textos veiculados em periódicos argentinos e de *Urupês*, Benjamín de Garay, em 1938, traduz e publica pela Editorial Claridad, o volume infantil *Don Quixote das Crianças*, o que contribui para que o nome de Lobato também seja associado à literatura para crianças.

Antes disto, em 1937, foram lançadas na Argentina duas coleções dedicadas exclusivamente a autores brasileiros: a *La Biblioteca de Novelistas Brasileños*, da Editorial Claridad, que publicava somente o que se denominou “novelas sociais”, e *La Biblioteca de Novelistas Brasileños traducidos al Castellano*, impressa pelo Ministério da Justiça e Instrução Pública do país e que editava obras referentes ao “pensamento social brasileiro”. Tal como iniciou na década de 1920, Garay parece manter, também na década de 1930, sua postura de **agente e consolidador** da literatura brasileira na região do Prata, já que

foi o primeiro tradutor argentino a escrever prefácios, fazer traduções e a dirigir as duas coleções dedicadas aos autores do Brasil. Durante a preparação destas séries, Garay teve por responsabilidade escolher as diferentes obras que revelavam as distintas condições sociais do país.

Estas coleções começaram a circular em 1938, período em que as editoras argentinas investiram maciçamente na publicação de traduções de autores brasileiros. Neste sentido, surge um **sistema** composto por agentes destacados nos trabalhos de tradução, de direção de coleções, de escrita de prefácios e de apresentação das obras e dos autores brasileiros ao público local.

Diante desta configuração, é interessante notar o desempenho de Benjamín de Garay na construção das relações que envolvem os dois países, dado que o tradutor participa ativamente do processo de veiculação de ambas as coleções: a comercial, feita pela Editorial Claridad e a institucional, patrocinada por órgãos do governo; isto significa dizer que Garay transita nos dois universos: o oficial e o comercial, o que lhe confere o *status* de grande conhecedor da literatura brasileira perante o público argentino; além disso, encampa a idéia de que a literatura produzida no Brasil teria caráter universal.

Afora o fato de que existiam duas coleções destinadas às obras do Brasil publicadas em Buenos Aires, há que se considerar a questão da institucionalização da literatura brasileira em terras argentinas; como vimos, dois são os tipos de publicação – a comercial e a governamental – que, segundo Sorá (2003, p.120), o que poderia parecer combinação para a segmentação do público leitor, é, na verdade, uma disputa ideológica, já que a Editorial Claridad, cujo slogan é “Tribuna del Pensamiento de Izquierda”, jamais se venderia a um governo conservador, tal como era o argentino à época. A vantagem acaba sendo dada à literatura brasileira que ganha, além dos transmissores governamentais e privados, visibilidade e público.

Tal visibilidade e público para a literatura brasileira na Argentina tiveram êxito de 1937 até 1946, quando a indústria do Prata divulgou e lançou cerca de 18 livros com tradução do português para o espanhol, com intermédio de Garay. Depois deste período, o nome de maior projeção no país vizinho foi o de Monteiro Lobato.

O escritor, “com saudade de comer pão de trigo, carne macia, ovos, fruta, decência” (CAVALHEIRO, 1955, p. 224) decide, em 1946, viver na capital Argentina, onde já tinha publicado, desde 1943, a sua *Obra Completa*-Série Infantil, o que lhe permitiu viver de seus livros e crer que havia se tornado “comum de dois países” (LOBATO, 1964, p.374), fato que o motiva a viver na capital vizinha. Agrega-se a isto que a conjuntura do Brasil pós-guerra não possibilitou ao autor condições básicas de vida, como comer e manifestar suas opiniões, dado que tal período também foi de vigorosa intervenção do Estado Novo, encabeçado por Getúlio Vargas, que instaurou forte censura nos meios de comunicação.

Lobato e sua família chegam em Buenos Aires no dia 06 de junho de 1946 e se estabelecem na Rua Sarmiento, 2608. Os primeiros meses são de intensa atividade para o escritor, que se torna, segundo Cavalheiro, “uma espécie de embaixador das crianças brasileiras junto à meninada Argentina” (Apud CAVALHEIRO, 1955, p.229), dado que visita escolas, recebe crianças ansiosas por conhecê-lo, e ainda movimenta a imprensa local. Além disso, o Magazine Harrod’s promove a Semana Monteiro Lobato, com exposição de todas as suas obras infantis, cartazes, bonecos e representação de trechos de seus livros. A Embaixada brasileira na Argentina ainda realiza uma Exposição do Livro Brasileiro em que cabe ao escritor um lugar de destaque, com mostra de 80 livros entre traduções do espanhol e do italiano. Ao voltar a atenção para a literatura infantil, Lobato amplia o público que conquistara desde a década de 1920, quando saiu *Urupês* em versão para o espanhol. Brito Broca, que em 1947 esteve na capital Argentina, observa que “os livros infantis de Lobato são hoje vistos em todas as montras de livrarias em Buenos Aires” (BROCA, 1994, p.71). Os fatores que colaboram com esta ascensão do nome de Monteiro Lobato podem estar ligados à presença *in persona* do escritor, bem como ao respaldo governamental e comercial que proporcionaram a divulgação de sua figura e de sua obra.

Neste sentido, o escritor paulista, na década de 1940, passa a ser, ele mesmo, **agente e transmissor** de sua obra na capital portenha. Tal iniciativa culmina na fundação de uma casa editora: a Editorial Acteón. O escritor, em 1946, se associa aos argentinos Miguel Pilato, Manuel Barreiro e Juan Ramón Prieto; este, desde 1942, já publicara parte da obra infantil de Lobato em editoras famosas no cenário buenairense tais como Americalee, Losada e Tridente. Ao criar a editora, Monteiro Lobato escreve a

Arthur Neves, amigo brasileiro e um dos sócios da Editora Brasiliense, que a Acteón “sou eu e mais os meus livros e experiências” (apud.CAVALHEIRO, 1955, p.231). O escritor, ao contar isto, manifesta, de certa maneira, a concepção da editora, qual seja publicar especialmente os livros infantis lobatianos em versão espanhola, o que reforça a idéia de que em Buenos Aires o escritor brasileiro passa a divulgar sistematicamente sua obra. Nota-se, ainda, que Monteiro Lobato na Argentina, assim como no Brasil depois de 1930, aposta na venda de livros destinados às crianças. Os primeiros exemplares editados pela Acteón são traduções da série do Sítio do Picapau Amarelo. No entanto, Monteiro Lobato percebe que falta um livro que esclareça o que se passa na Argentina; desta idéia, Lobato se põe a estudar o país em que estava morando e escreve, sob o pseudônimo de Miguel P. García, *La Nueva Argentina*, que simula uma conversa entre um pai e seus dois filhos acerca do Plano Quinquenal do General Juan Domingo Perón (1895-1974); com tiragem de três mil exemplares, que se esgotam rapidamente, a obra passa a ser comprada pelos governos das outras províncias argentinas; só a cidade de La Plata pede cem mil exemplares a serem distribuídos nas escolas. Mesmo com esta suposta circulação de livros, *La Nueva Argentina* não obteve o êxito que se esperava e Monteiro Lobato foi acusado de se filiar às idéias peronistas, o que rebate com veemência: (...) “não existe entendimento meu com o governo argentino”(apud. CAVALHEIRO, 1955,p.232).

A estadia de Monteiro Lobato em Buenos Aires se encerra dia 08 de junho de 1947, quando retorna ao Brasil. A Acteón foi liquidada no início de 1947, tendo Lobato recebido o que lhe cabia na sociedade. De volta ao seu país, o escritor se estabelece em São Paulo, no apartamento emprestado por Caio Prado Jr, dono da Brasiliense. Na Argentina, os livros infantis de Lobato continuam tendo edições e, em 1951, as *Obras Completas* – série Infantil são reeditadas pela Editorial Losada, que distribui para outros países da América Latina de língua espanhola.

A partir destas relações construídas desde 1919, através de cartas e da publicação de *Urupês* em espanhol, Monteiro Lobato, juntamente com produtores literários, tradutores e editores na Argentina, estabelece um sistema literário que envolve os diferentes setores da cultura da região do Prata, que culmina na passagem do brasileiro pelo país vizinho. Para tanto, conta, nos distintos períodos, com Manuel Gálvez, Benjamín de Garay e Juan Ramón Prieto para consolidar seu nome, sua obra e seu público na Argentina e na América Latina.

BIBLIOGRAFIA

BROCA, Brito. **O repórter impenitente**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato**: vida e obra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1955.

LIMA, Yone Soares de. **A ilustração na produção literária**: São Paulo – década de 20. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1987.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

NAGY, Denise. Novelas Semanales (1917-1922) ¿Un proyecto de intervención cultural? In: **V Jornadas de Investigación Histórico-Social de Razón y Revolución**. Buenos Aires, diciembre, 2005.

SORÁ, Gustavo. **Traducir el Brasil**. Una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.